



DOSSIÊ: ARRANJOS CONTEMPORÂNEOS DE CONVIVÊNCIA

Contando histórias, produzindo verdades: reflexões sobre livros infantis brasileiros acerca da adoção publicados entre 2002 e 2022

Telling stories, producing truths: reflections on Brazilian children's books about adoption published between 2002 and 2022

Contar historias, producir verdades: reflexiones sobre los libros infantiles brasileños sobre adopción publicados entre 2002 y 2022

Vanessa Paula Ponte¹

orcid.org/0000-0001-5064-4443
nessaponte@gmail.com

Alessandra de Andrade Rinaldi¹

orcid.org/0000-0002-3805-0578
rinaldialeandrade@gmail.com

André Luíz Coutinho

Vicente²

orcid.org/0000-0001-8428-5688
alcoutinho1996@gmail.com

Enviado em: 3 mar. 2024.

Aprovado em: 19 jul. 2024.

Publicado em: 28 nov. 2024.

Resumo: Este estudo se propõe a analisar dez livros infantis publicados no Brasil entre 2002 e 2022, investigando as representações da adoção e da família, as posições sociais dos envolvidos no processo de adoção e a intersecção com marcadores sociais da diferença (gênero, raça e classe). O estudo é qualitativo e tem como base a perspectiva de que a literatura infantil desvela e reconstrói as realidades sociais. A relevância da pesquisa reside na possibilidade de ampliar o conhecimento sobre como a temática da adoção é representada na literatura infantil brasileira, refletindo sobre o seu gesto de narrar a vida, os arranjos de convivência, a produção de memórias, percebendo as marcações de poder, as zonas de silenciamento, as produções das subjetividades e os enlaces com os contextos sociais presentes nesses processos.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Adoção. Interseccionalidade.

Abstract: This study aims to analyse ten children's books published in Brazil between 2002 and 2022, investigating the representations of adoption and the family, the social positions of those involved in the adoption process and the intersection with social markers of difference (gender, race and class). This is a qualitative study, based on the perspective that children's literature unveils and reconstructs social realities. The relevance of the research lies in the possibility of expanding knowledge about how the theme of adoption is represented in Brazilian children's literature, reflecting on its gesture of narrating life, the arrangements for coexistence, the production of memories, perceiving the markers of power, the zones of silencing, the production of subjectivities and the links with the social contexts present in these processes.

Keywords: Children's literature. Adoption. Intersectionality.

Resumen: Este estudio pretende analizar diez libros infantiles publicados en Brasil entre 2002 y 2022, investigando las representaciones de la adopción y la familia, las posiciones sociales de los implicados en el proceso de adopción y la intersección con marcadores sociales de diferencia (género, raza y clase). Este es un estudio cualitativo, basado en la perspectiva de que la literatura infantil desvela y reconstruye realidades sociales. La relevancia de la investigación radica en la posibilidad de ampliar el conocimiento sobre cómo se representa el tema de la adopción en la literatura infantil brasileña, reflexionando sobre su gesto de narrar la vida, los arreglos de convivencia, la producción de memorias, la percepción de los marcadores de poder, las zonas de silenciamento, la producción de subjetividades y los vínculos con los contextos sociales presentes en estos procesos.

Palabras clave: Literatura infantil. Adopción. Interseccionalidad.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar obras da literatura infantil publicadas no Brasil entre os anos 2002 e 2022, que pautam a temática da adoção. A temporalidade das obras aqui escolhidas perpassa e se conecta com a vigência do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e as duas reformas legais que impactaram a adoção, sobretudo as mudanças provocadas pela Lei n.º 13.509/17. Tais reformas, como analisa Rinaldi (2019, 290), são "resultado de um campo de forças que atua sobre a produção de significados e de práticas sobre o instituto da adoção". Buscamos, ao caminhar entre as páginas dessa literatura, traçar conexões de como essas mudanças são expressas em cenas, imagens e narrativas.

O *corpus* selecionado abrange dez títulos de autoras(es) provenientes de diversas áreas do conhecimento, oferecendo uma perspectiva multidisciplinar sobre o tema. Partindo do pressuposto de que a literatura infantil não apenas reflete as realidades sociais, mas também as constrói, este estudo investiga as representações da adoção, do parentesco e da família presentes nessas obras. Examina-se, ainda, como essas narrativas retratam as posições sociais dos sujeitos envolvidos no processo adotivo, com ênfase especial nas intersecções de gênero, raça e classe. Por fim, busca-se compreender de que maneira essa literatura se relaciona com a história e a memória das pessoas envolvidas nos processos de adoção, ou como pode contribuir para o apagamento dessas mesmas memórias.

De forma específica, o presente texto pretende abordar os sentidos que esses livros produzem sobre os laços adotivos, em sentido semelhante ao de García-González (2020)³ no contexto espanhol. A autora pesquisou parte da literatura sobre adoção internacional, publicada nos últimos 15 anos e recomendada para crianças de até 11 anos. Analogamente, vislumbramos compreender de que forma os livros produzem uma interlocução

com os adotivos, mas também com mães e pais por adoção, por meio de uma incitação e positividade da parentalidade adotiva.

Baseando-nos em Candido (2011, 177), que considera a literatura um direito fundamental com potencial humanizador, entendemos esse campo como capaz de "confirmar e negar, propor e denunciar, apoiar e combater". Analisar livros infantis sobre adoção permite, assim, refletir sobre as relações entre infâncias e parentalidades, bem como compreender os sentidos e práticas adotivas no cenário brasileiro e internacional.

Este estudo dialoga com as pesquisas de Rinaldi (2010, 2019, 2021), Rinaldi, Souza e Freitas (2022) e de Rinaldi et al (2023) sobre adoção no Brasil, particularmente no Rio de Janeiro. Essas investigações, que abrangem leis, políticas e práticas nos Tribunais da Infância e Juventude e nos Grupos de Apoio à Adoção, revelam mudanças significativas nas políticas de proteção à infância desde os anos 2000. Os achados de Rinaldi (2019), assim como os escritos de Claudia Fonseca (2019), nos revelam que no Brasil, a partir dos anos 2000, houve um forte incentivo às adoções, em detrimento da reintegração familiar. Segundo as antropólogas Denise Cuthbert, Kate Murphy e Marian Quartly (2009), algo análogo ocorreu em solo australiano, assim como nos Estados Unidos e no Reino Unido. Nesses contextos, houve uma valorização das famílias adotivas, retratadas como salvadoras de crianças supostamente em risco por suas famílias de nascimento.

Em consonância com essas análises, argumentamos que a literatura infantil sobre adoção no Brasil pode não apenas promover laços parentais, mas também construir narrativas que apresentam a adoção como um destino feliz, garantido pela jornada dos pais adotivos em busca da criança desejada. Interessa-nos compreender como essas histórias positivas sobre adoção são narradas, mas além disso, como esses livros desvelam e fabricam narrativas acerca das trajetórias de vida das crianças, de suas origens e de seus laços de

³ Para este artigo, utilizamos a versão *preprint* do texto de Macarena García-González disponibilizado pela autora no site ResearchGate. Esta versão não é paginada e o texto originalmente faz parte da coletânea organizada por Rose-May Pham Dinh e Virginie Douglas. Acessado em 10 ago. 2024. https://www.researchgate.net/publication/347707939_Dealing_with_the_Otherness_of_Your_Own_Children_Spanish_Children's_Books_about_Transnational_Adoption.

parentesco. Evocando Carsten (2007), reconhecemos que independentemente da biologia, o parentesco pode ser fabricado e espessado pelas interações cotidianas. Cabe perceber o lugar desses livros no gesto de contar sobre a vida, na produção de memórias, compreendendo as marcações de poder, as zonas de silenciamento, as produções das subjetividades e os enlaces com seus contextos sociais presentes nesses processos.

Sob uma perspectiva antropológica, vislumbramos o consumo de livros infantis coadunando com as reflexões de Miller (2013) que, ao se debruçar sobre o estudo da vida material, elege os objetos como uma pedra de toque para a análise social e o entendimento dos sujeitos. O autor nos instiga ao exercício de compreender, na mesma medida, o que as pessoas fazem com os objetos e o que os objetos fazem com as pessoas. Em seu horizonte, será essa "apreciação mais profunda das coisas que nos levará a uma apreciação mais profunda das pessoas" (Miller 2013, 12).

Desta forma, é possível ultrapassar a visão cristalizada da separação entre objeto e sujeito, ou mesmo a perspectiva simplista de que objetos representam apenas símbolos. Nessa ótica, livros exercem muito mais do que uma função prática, têm agência sobre as vidas e as relações das crianças que os acessam. A partir das relações que estabelecem com esses objetos e com os demais presentes em suas vidas, é possível perceber em profundidade como "chegam a ser o que são e a ver o mundo da maneira particular como o fazem" (Miller 2013, 82).

Nessa linha de raciocínio, os livros passam a ter um significado próprio cada vez que se tornam parte da vida dos sujeitos que compõem os diversos formatos de famílias por adoção, sejam elas monoparentais, homoafetivas ou interracialis. O objeto é transformado por meio da associação íntima com um indivíduo e/ou grupo social particular e das relações que se estabelecem. Como assinala Miller (2013), o consumo se configura como uma engrenagem de transformação de

artefatos alienáveis em cultura inalienável. O autor argumenta que a melhor maneira de entender como se dá essa transformação é exercitar um olhar etnográfico, capaz de perceber, com riqueza de detalhes, as apropriações diferenciadas e particulares dos objetos e das ações que os próprios objetos provocam nas pessoas, sem perder de vista que nem sempre os objetos fazem o que os sujeitos gostariam.⁴ Apostamos que, na particularização desses objetos e dos livros infantis e na relação com eles, crianças de diferentes realidades sociais dinamizam as ações de reiterações e/ou enfrentamentos das moralidades produzidas em torno dos temas mobilizados.

No Brasil, no final dos anos 1980 e no curso dos anos 1990, a literatura sobre adoção tornou-se mais abundante, circulando entre pessoas de diferentes estratos sociais, em seus lares, nas escolas, em suas redes de sociabilidade, por vezes com o acesso gratuito, possibilitado por instituições governamentais e não governamentais vinculadas à educação. Esses livros, não apenas traduzem em imagens e palavras, valores e ideias correntes acerca das etapas que envolvem as experiências adotivas em nossos contextos sociais como podem, também, figurar como um ponto de partida para o diálogo com as crianças, possibilitando acessar, a partir de suas próprias percepções e apropriações dos livros, o que pensam, sentem e/ou vivenciam sobre a adoção. Inferimos que, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos nesses processos de adoção, esse movimento de escuta pode agregar um conjunto de informações preciosas ao debate público e político sobre esse tema. Nessa dinâmica importa, inclusive, observar como essa literatura, geralmente produzida e lida por adultos para e com as crianças, versa sobre a experiência adotiva e o modo como as consequências de contar/narrar ressoam nas vidas destes sujeitos.

⁴ Parte dessa discussão sobre infância e cultura material foi apresentada em Ponte (2023).

Manuseando/sentindo os livros: estratégias metodológicas

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa do tipo bibliográfica. A seleção focou em obras que trazem em seus enredos a adoção como tema central. Analisaremos oito livros escritos por autores brasileiros e dois estrangeiros, cujas obras são traduzidas para o português e possuem densa circulação no Brasil. A seleção conta com títulos escritos entre os anos 2002 e 2022, com a autoria de homens e mulheres pertencentes a diferentes áreas do saber e, também, pessoas que decidiram publicar livros com base em sua própria experiência de suas trajetórias de vida ligadas à adoção.

Elegemos as seguintes obras: *O menino que não nasceu da barriga da mãe*, de Carmem Lúcia Eiterer (2011); *Flávia e o bolo de chocolate*, de Miriam Leitão (2015); *Lui e Mila: era uma vez duas irmãs unidas pelo amor*, de Mariana Trancredi (2018); *Azizi: o presente precioso*, de Lucimar Rosa Dias (2019); *Aos olhos do mar*, de Cristiane Tavares e Chris Mazzota (2019); *A adoção de Júlia*, de Ana Dantas (2014); *Ganhei uma menina*, de Tereza Yamashita e Luiz Bras (2020); *Somos um do outro: um livro sobre adoção e família*, escrito e ilustrado por Todd Parr (2009), *A menina sem cor*, de Fernanda Emediato (2020); e *A criança que nasceu do coração*, de Juliana Pinho (2021).

Ressaltamos que a intenção não é abarcar a totalidade dos livros publicados no Brasil sobre adoção ou as muitas facetas possíveis que cada um dos livros escolhidos pode oferecer. Sobretudo, rechaça-se qualquer intenção de cristalizá-los ou reduzi-los às reflexões aqui compartilhadas. Convidamos o(a) leitor(a) a uma possibilidade de olhar essas obras, ampliando o debate acerca da temática em tela. Tensionamos uma interpretação possível acerca de como as vivências da adoção e as ideias de família e parentalidade são representadas, levando em consideração raça, classe e gênero.

Não perdemos de vista que essa literatura materializa um processo complexo de edição e seleção, permeado por moralidades, como observado por García-González (2020). Essa produção literária frequentemente se manifesta na forma de testemunhos narrativos, onde pais adotivos compartilham suas experiências com os filhos. Inspirados por Deszcz-Tryhubczak e García-González (2023), e suas perspectivas críticas nos estudos da literatura infantil, buscamos explorar os sentidos dessas narrativas compartilhadas desvelando valores, presenças e ausências nas obras analisadas.

Além disso, buscamos não atribuir uma primazia ao texto verbal, mas também ter atenção ao repertório de imagens como fundamental para as análises. Acreditamos que as imagens "expressam a história social e política, os modos de vida, as práticas, o cotidiano, bem como as manifestações dos sistemas simbólicos, do imaginário social com seus códigos e representações" (Mignot-Lefebvre 1987, 227). Nessa linha de raciocínio e considerando o que diz respeito às imagens na literatura infantil, Cademartori (2009, 51) afirma que "as ilustrações abandonaram o modesto papel de ficar a serviço do que relatam as palavras e passaram a constituir um outro texto, de natureza visual, que estabelece interação com o verbal. Assim, ambos se tornaram igualmente fundamentais no livro para crianças". Mesmo que as imagens não estejam aqui presentes, elas foram cuidadosamente observadas e essa observação está imbricada em toda a reflexão.

Também nos aproximamos do campo interdisciplinar dos estudos da literatura infantil brasileira. Apesar de a análise em questão ter uma abordagem antropológica, a consciência da historiografia, dos descaminhos, dos debates e do próprio entendimento de literatura infantil brasileira fortalecem as discussões.⁵

Nestas páginas, a literatura infantil é vista como uma construção social, situacional e dinâmica.

⁵ Zilberman (2016, 23) informa que, no Brasil, os livros infantis estão presentes desde o Império, com predominância de obras produzidas em terras estrangeiras, em sua maioria, originadas e importadas de Portugal. Entre o final do século 19 e início do 20, uma literatura brasileira produzida pelas mãos de professores brasileiros e jornalistas pode ser identificada especialmente nas escolas, espaços vistos como fundamentais para a consolidação do projeto de um Brasil moderno. Tal literatura apregoa para crianças ditames morais e sociais em consonância com os valores de um Brasil dito moderno.

Concordamos com Lajolo (2001) que um texto literário é contextual, uma vez que é atravessado por disputas de poder, interesses, debates intensos no campo. Analisamos visando perceber seus efeitos de poder sobre os campos da infância e dos direitos sexuais e reprodutivos.

Entre a realidade e a ficção, a tessitura de uma pedagogia da adoção: um olhar sobre as obras

Guardadas as suas particularidades, os livros selecionados, por meio da poética de seus escritos e da força de suas ilustrações, instauram uma *pedagogia da adoção*. Suas páginas constituem um vocabulário de sentimentos, práticas e gestos, mobilizados diariamente em cenas cotidianas que supervalorizam a experiência adotiva e normatizam um conjunto de diretrizes e lugares sociais para os diferentes sujeitos que a integram.

Em diversas passagens das obras analisadas, percebemos que são abundantes as cenas que marcam a preponderância de uma matriz heteronormativa pautada em uma presumida coerência entre sexo, gênero, desejo e performance. Uma estrutura binária supervalorizada ganha ares de naturalidade, no cotidiano dos personagens infantis e adultos.

Marcante também é o modelo de família nuclear burguesa ocidental. A maioria dos casais que ganha a cena são heterossexuais com filhos pela via da adoção. Quanto à classe: são pertencentes aos estratos médios da sociedade. Percebe-se pelas ilustrações das arquiteturas das casas, as formas de lazer (cinema, praia, teatro, viagens), as vestimentas, os estilos de vida.

Nesse arranjo, as mães pela via da adoção possuem um evidente protagonismo no que diz respeito aos cuidados cotidianos dos filhos e filhas, e assumem o destaque em toda sorte de ensinamentos. Elas preparam refeições, dão banho, cuidam dos machucados, acalentam e, também, são elas que tomam a dianteira nos assuntos relativos às etapas da adoção. O trecho do livro *O menino que não nasceu da barriga da mãe* é significativo quanto ao lugar preponderante

da maternidade nas tramas da parentalidade:

Afinal quem cuida de você desde pequenininho? Quem é que conta histórias e vai cobrir na cama à noite? Quem leva você para escola e para passear? Quem é que ama você e dá bronca quando precisa? Quem esperou por você um tempão? Não é a sua mãe? Então, a sua mãe é igualzinha a minha. (Eiterer 2011, 10).

Tais cenas tentam conferir, portanto, uma aparência de naturalidade a processos que, na realidade, são sociais e criativos: a corporificação do gênero, a produção da maternidade e o exercício da parentalidade, bem como fazer família e tecer relações de parentesco. Esse movimento de naturalização e normatização da família nuclear e da maternidade fica explícito, por exemplo, na passagem do livro *A menina sem cor*: "Sylvia queria muito ser mãe. Desde pequena sua brincadeira preferida era brincar de boneca. Quando cresceu, casou-se com Silvío. Depois de muito tentarem, descobriram que não poderiam ter filho" (Emediato 2020, 7). Outra história emblemática nesse sentido está presente no livro *Ganhei uma menina*, que narra a vida confortável de Pedro e Paula, um casal jovem, bem-sucedido profissionalmente, que "mora num apartamento bacana no centro da cidade" (Yamashita 2020, 2). Segundo o enredo, apesar da vida confortável, eles se sentem tristes. Tristeza essa contornada, no decorrer da narrativa, quando chega Érica, filha por adoção. Depois da filiação, a alegria se instaurou: "Nós quatro (Pedro, Paula, Érica e o cachorro) pulamos, corremos e nos divertimos juntos" (Yamashita 2020, 16). O leitor é conduzido a acreditar, portanto, que a filiação é imperativa para a realização do casal e o sentido de família e perpetuação de si. Nesse horizonte, é interessante o movimento de Sara Ahmed (2010), que escrutina e desnaturaliza a ideia de felicidade, mostrando que, em nossa cultura, esse sentimento se configura como uma promessa que mira em determinados objetos, como, por exemplo, a família nuclear. A autora nos convida a perceber as instâncias sociais, contradições, fissuras e disputas de poder que sustentam essa ideia, e como isso ressoa nas subjetividades dos sujeitos.

A propósito, nesses livros, não constam cenas em que as mães articulem vida profissional e doméstica. Sem relógio e nem agenda, as mães por adoção estão em casa ou na rua diuturnamente, no corpo a corpo do cuidado das crianças. No livro *Ganhei uma menina*, a profissão de Paula, a mãe por adoção, é mencionada. Em seguida, é anunciado que ela trabalha em casa.

Esse corpo a corpo é amoroso, paciente, maduro, inteiramente dedicado a proporcionar uma "infância saudável e feliz", "crianças em paz com sua autoestima" e, conseqüentemente, aceitas e apreciadas em suas redes de sociabilidade e afeto. Não está marcado nas páginas desses livros infantis, o que se nota na materialidade etnográfica, em estudos acerca da maternidade e em nossos contextos: sentimentos de medo, culpa, arrependimento; especialmente, não aparecem com cores fortes os conflitos entre mães e filhos, pais e filhos, irmãos; a peleja para construção dos vínculos e para os processos de adaptação estão pouco representados. Diferentemente do que é encontrado em etnografias realizadas com grupos de apoio pós-adoção (Rinaldi 2021), nesses livros as crianças e adolescentes reais não são narradas. Nada é dito sobre as experiências parentais que podem ser construídas no confronto com as memórias dos filhos, ou sobre as angústias e frustrações em face de uma criança "real", diferente daquela imaginada.

Em algumas passagens, o leitor é levado a entender que a vida da criança e dos pais começou no "encontro adotivo". Nas narrativas, esses encontros parecem ser predestinados, escrito nas estrelas, um designio divino. No livro *Aos olhos do mar*, o menino protagonista dirige-se todas as noites à estrela: "Primeira estrela que vejo, realize o meu desejo" (Tavares 2019, 11). O desejo almejado é o colo de mãe. Em *Lui e Mila*, a personagem da mãe refere-se às suas filhas da seguinte forma: "uma, o papai do céu colocou em minha barriguinha e a outra, já me deu prontinha" (Trancredi 2018, 23). Em *A criança que nasceu do coração*, encontramos o seguinte trecho: "A mamãe da Ju disse que, quando a viu pela primeira vez, teve certeza de que aquela

menina era a sua filha. Acho que elas já eram ligadas pelo coração" (Pinho 2021, 24). E, em *Azizi: o presente precioso*, o abraço entre a mãe branca e o filho negro é comparado ao encontro dos rios Negro e Solimões. Estes elementos, à primeira vista no campo do simbólico, são, na verdade, formas de espessamento do parentesco, como sugere Janet Carsten (2014); um parentesco que é feito e refeito.

O estudo etnográfico de Rinaldi (2021) revela que, no Brasil, a crença de que a adoção é predestinada é bastante comum no cenário adotivo. Essa crença significa que a criança disponível para adoção é vista como "seu filho", e que a ligação entre pais adotivos e filhos supera a biologia, sendo considerada espiritual. A autora ainda ressalta que é recorrente a visão da adoção como um "reencontro" entre pais e filhos, como se seus destinos estivessem entrelaçados espiritualmente. Reconhece-se, então, que a família não se define apenas por laços biológicos, mas, também, por laços sociais, como o cuidado, a criação, o reconhecimento e o afeto. A parentalidade adotiva é, assim, vista como um caminho para a reconexão de almas e afetos. O texto também destaca o uso de narrativas de "encontro mágico", "esse tocar de sonos" como estratégia para amenizar as dificuldades da adoção.

Nas obras analisadas há uma clara idealização da figura materna pela via da adoção. As personagens são generosas, altruístas e caridosas. Além disso, passagens sofridas e solitárias de suas trajetórias de vida são frisadas pela impossibilidade de ter um filho biológico; dores instantaneamente superadas com a chegada dos filhos por adoção. Vale ressaltar que somente a infertilidade do casal ou feminina são mencionadas, mais marcadamente esta última. A infertilidade masculina, por si só, não é retratada. A seguir, alguns trechos que ilustram esse debate.

Rita era uma mulher muito boa. Especial mesmo, só que andava meio triste e ficava cada dia mais triste, queria muito ter um filho e não conseguia. (Leitão 2015, 6).

Na verdade, a mamãe não podia ter neném na barriga dela. Ela me contou que na barriga dela

teve um dodói que com a ajuda do médico já sarou, mas como não dava pra ficar novinha em folha outra vez nenhum neném podia nascer lá dentro. (Eiterer 2011, 8).

Havia uma mulher que sentia saudade do que nunca tivera: pegadas de criança na areia, cheiro de criança na pele, cor de menino nos olhos. (Tavares 2019, 10).

Em quatro livros, a figura do pai pela via da adoção sequer é mencionada. Em outros livros, quando as cenas trazem casais heterossexuais que parecem exercer uma coparticipação das responsabilidades domésticas, percebe-se que o exercício da paternidade é mais acanhado, com menor número de ilustrações comparativamente às personagens maternas. Aparecem cansados do trabalho, ofertam o beijo de boa noite, colocam a criança para dormir ou a conduzem em uma atividade fora do ambiente doméstico, como passeios. Em *Somos um do outro* há, inclusive, uma referência do pai ao super-herói e, em *Lui e Mila*, o pai aparece sendo servido na mesa do jantar.

As presenças preponderantes das mães, as mais discretas dos pais e as assimetrias geradas nesse arranjo não são problematizadas na maioria dos livros. Contudo, na obra *O menino que não nasceu da barriga da mãe* (Eiterer 2011), o protagonista versa sobre a ausência paterna.

Eu não tinha pai porque a mamãe não era casada. Quer dizer não é bem não ter, é conhecer. Porque ter pai todo mundo tem um dia. Senão de onde a gente ia surgir? Existe gente que nunca conheceu seu pai porque foi embora ou porque morreu ou se separou da mãe e mora muito longe. (Eiterer 2011, 12).

Ao fim e ao cabo, as cenas cotidianas retratadas entre mães, filhos e pais parecem estar intimamente relacionadas a uma lógica neoliberal, em que os cuidados dos filhos devem ser empreendidos apenas no fórum íntimo, privado, no entendimento de que esses familiares ao lado de suas crianças "escolhem" administrar os processos educativos como lhes é conveniente. Nessa discussão, hooks (2019) inspira uma reflexão de que os assuntos pertinentes à parentalidade e aos cuidados das crianças são uma responsa-

bilidade da sociedade, e não apenas da esfera íntima da família.

Apesar do destaque da família nuclear heteronormativa nessa literatura, há livros que mostram de relance outros arranjos familiares. Em *O menino que não nasceu da barriga da mãe* há a representação da família monoparental. Em *Somos um do outro* e em *A criança que nasceu do coração* podemos vislumbrar ilustrações de homens um ao lado do outro acompanhando uma criança e da mesma forma ocorre com mulheres. Esses personagens não são centrais e os textos não explicitam que se trata de casais homoafetivos. O leitor pode ser instigado por meio das ilustrações a chegar a essa conclusão.

Essas imagens que se propõem mais democráticas – no que diz respeito a representar diversas configurações de famílias em nosso contexto social – não substituíram aquelas que exaltam a família nuclear, heteronormativa. Elas se somam. Dentro do *corpus* analisado, apenas o livro *A adoção de Júlia* traz um casal de mulheres na capa. Estão de mãos dadas com uma menina parda, com semblantes tranquilos, passeando.

Contudo, na leitura do texto, percebe-se que esse casal é apenas mencionado na voz de um menino negro que mora no abrigo, o qual, em diálogo com a assistente social, pergunta: "você sabia que a Juju (amiga que mora no abrigo) vai ser adotada por um casal de mulheres?". A assistente social o interrompe e diz "Ícaro, vai logo se arrumar antes que eu perca a paciência!". O outro momento em que esse casal é mencionado no livro é, novamente, por Ícaro em conversa com outra funcionária do abrigo: "Tia Marcela, você sabia que a Juju vai ser adotada?". Marcela responde "Que legal, Juju!". Ícaro comenta em seguida: "É! Ela vai ser adotada por um casal...". Antes de o menino qualificar o casal, a frase é interrompida por todos os adultos na sala, que exclamam seu nome em alto e bom som, em uma tentativa clara de silenciá-lo: "Ícaro!!!" (Dantas 2014, 15-19).

Sem dúvidas, as lutas e os embates dos movimentos de mulheres, movimentos feministas,

negros, LGBTQIAPN+⁶, dos estudos das masculinidades vêm, pouco a pouco, gerando efeitos na literatura infantil, contribuindo para a representação visual das mais distintas formas de viver, ser e compor famílias, contudo parece haver um caminho ainda longo a ser percorrido no que diz respeito ao efetivo protagonismo para além da heteronormatividade e da branquitude.

No que diz respeito às representações das crianças, observa-se a marcação de uma infância idílica e de crianças idealizadas. Lindas, espertas, inteligentes e preciosas são alguns dos adjetivos utilizados para descrevê-las. São adaptáveis, facilmente convencidas, maleáveis. Como narra o livro *A menina sem cor* sobre sua protagonista: "Alegre, sempre sorrindo e gosta de ir à escola" (Emediato 2020, 18). São personagens infantis que chegam à família por adoção ainda bebês ou com menos de 10 anos de idade, conduzem o leitor ou a leitora a pensar que são "instantaneamente moldadas" após o encontro com os pais, incorporando seus gostos, costumes e valores. Nota-se, nas diferentes obras, uma supervalorização do vínculo adotivo em comparação à filiação biológica.

No campo dos estudos da adoção, a materialidade etnográfica mostra que essas relações entre crianças e pais por adoção, como quaisquer outras, também são atravessadas por conflitos, dilemas, tensões, desafios, transformações. As crianças não simplesmente aprendem e reiteram os ensinamentos de seus pais, mas também os deslocam, negociam, transgridem-nos. Existe, portanto, uma sensível diferença entre as personagens infantis ideais dos livros em tela e as crianças reais, atravessadas pelos desafios da interseccionalidade.

Vale observar aqui um paralelo entre as crianças representadas nos livros e as exigências de pessoas que almejam adotar no país. Os dados do Cadastro Nacional da Adoção apontam que a preferência é concedida a crianças brancas, sem irmãos, até dois anos e sem deficiência

física ou cognitiva. As crianças maiores de 10 anos têm maior dificuldade de serem adotadas. Essa discussão nos aponta a importância de uma problematização acerca dos requisitos e privilégios de quem pleiteia a adoção e os direitos das crianças de ter uma família, garantidos no ECA.

A história de vida de crianças maiores em acolhimento revela como a desigualdade se perpetua. Elas são frequentemente rotuladas como "desajustadas" e pressionadas a se adaptar às famílias, sem que suas necessidades individuais sejam consideradas. Essa visão reflete uma história de exclusão social e de racismo estrutural relacionados tanto às crianças quanto às suas famílias biológicas.

No *corpus* analisado, há personagens infantis negros que são interpelados por integrantes de sua rede de sociabilidade por possuírem características físicas (cor da pele, textura do cabelo, formato dos lábios) diferentes de seus pais e irmãos. Os enredos se desdobram anunciando que tal interpelação provoca nas crianças sofrimento e sentimento de inadequação, as quais demonstram claramente o desejo de mudança de suas características físicas e de sua cor de pele. De acordo com Nilma Gomes, "[a] maneira como a nossa sociedade vê o negro e a negra e emite opiniões sobre o seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixa marcas profundas na vida desses sujeitos" (Gomes 2002, 4). As passagens a seguir dialogam com essa discussão.

No dia do seu aniversário de seis anos, Mimi perguntou por que ela não se parecia com eles (seus pais). Eles não fizeram segredo. Contaram toda verdade de maneira bem natural. Mimi não ficou triste por ser filha adotiva, sabia que era amada por seus pais, mas desejava ter a mesma cor que eles. [...] na escola Mimi começou a notar que algumas crianças olhavam como se ela estivesse no lugar errado. Ela ficava triste com isso. (Emediato 2020, 21).

Lui e Mila eram diferentes na aparência; no restante quanta coincidência. [...] seu vizinho Lucas falou: duas irmãs tão iguais nos gostos e tão diferentes nos rostos (Trancredi 2018, 17).

⁶ Seguindo as movimentações históricas em torno dos movimentos sociais, seus agentes e suas reivindicações sobre representação, adotamos aqui a sigla LGBTQIAPN+, nos referindo às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queer, intersexo, pansexuais e não-binárias.

Quando conseguiu levar o bebê para casa, saiu para passear na praça do bairro, mostrou cheia de orgulho a menina para as amigas. A minha filha não é linda? [...] uma vizinha bem invejosa falou outra coisa. Ela não é sua filha. Ora, vocês são muito diferentes, está na cara que ela não é sua filha. [...] Flávia cresceu forte e sabida [...] um dia Flávia acordou chateada... ela achou que não era muito parecida com a mãe e começou a chorar. Eu quero ser como você. Não quero ser marrom, quero ser branca como você (Leitão 2015, 15).

Ainda sobre os mesmos livros supracitados, face aos preconceitos vividos pelos protagonistas infantis, as famílias por adoção, sobretudo as mães, criam estratégias para uma autoaceitação das crianças e para uma aceitação social do próprio arranjo familiar. Contudo, o modo como os conflitos são solucionados nesses enredos escamoteia um diálogo com as crianças sobre o racismo estrutural e reforça entre elas o mito da democracia racial (González 1983; Gomes 2008; Carneiro 2015).

Em *Lui e Mila*, as cores das peles das irmãs, uma branca e outra negra, sequer são mencionadas, apenas ilustradas. A narrativa flui no sentido de afirmar que as irmãs "são semelhantes nos gostos e diferentes nos rostos. São iguais por dentro, no coração" (Trancredi 2018, 17). Já nos livros *Flávia e o bolo de chocolate* e *A menina sem cor*, são utilizadas respectivamente expressões como "marrom" e "cor de chocolate meio amargo" para descrever suas aparências físicas e sua cor da pele.

Em *Flávia e o bolo de chocolate*, face à insatisfação da criança com a cor marrom, a mãe lança mão da estratégia de proibir tudo o que possui essa cor e é adorado pela garota: bolo de chocolate, brigadeiro, sorvete de chocolate, cor de areia do parquinho, do cachorro, inclusive a praia, que pode "deixá-la mais marrom". Depois de ser privada de tudo que gosta, a menina desiste pelo cansaço de odiar a cor marrom e tenta reaver tudo que aprecia, passando a valorizar a cor marrom.

Já em *A menina sem cor*, uma personagem albina aparece denominando a própria cor de sua pele como "anomalia" e, como contraponto, elogia a pele negra da protagonista. Alega que

adoraria poder tomar sol como ela. A menina albina convence que a pele negra é muito melhor que a sua. As duas concluem ao final "que essa história de cor é uma grande bobagem, que o bom da vida era ter uma família que as amasse" (Emediato 2020, 27).

O livro *Azizi, o presente precioso*, por sua vez, movimenta uma ode à negritude. Azizi é um dos poucos personagens com a pele retinta e os cabelos volumosos com textura crespa. Os personagens negros dos demais livros analisados apresentam peles mais claras, cabelos cacheados e feições afiladas. A ode à negritude em *Azizi* gravita em torno da ideia de ancestralidade e de um ideal de uma África mítica, unida, romantizada.

Ao relatar a história do nascimento do menino, a mãe menciona o barulho do toque do telefone anunciando a sua chegada. A mãe com a pele branca afirma: "o telefone tocou igual para chamar os orixás como aqueles que seus ancestrais utilizavam lá do outro lado do oceano, na África" (Dias 2019, 18). A narrativa desvela que o coração da mãe disparou e, também, tocou igual aos tambores, como se esse ritmo pudesse fundir as duas histórias, a da mãe branca e a do filho negro. Face à narrativa da mãe, o garoto pergunta se ele veio da África. Ela explica que não, que ele é brasileiro, mas que um dia viajarão juntos para conhecer a terra dos ancestrais do menino. Vemos, portanto, que a África mítica é acionada e nem de longe é mencionada a história do país de Azizi.

Outro aspecto marcante nesses textos consiste em uma distinção bastante marcada e encapsulada entre as ações de gestar/parir e cuidar/educar, e esses polos se desdobram em duas expressões bastante manejadas e assimetricamente apresentadas nessa literatura, que consistem em "nascer da barriga" e "nascer do coração", "filho de barriga e filho de coração".

Nessa lógica, a convivência dos pais adotivos com a criança sobrepuja sobremaneira a vivência dos genitores com a criança no momento do nascimento. Os laços afetivos cotidianos via adoção são extremamente mais valorizados que os marcadores biológicos ou a história que antecede

a adoção. Os genitores são dificilmente mencionados, um silêncio se faz mais denso em relação ao genitor. Já a genitora, quando mencionada, não é como um sujeito com trajetória, afetividade, mas identificada como uma barriga. Dificilmente, há uma imagem de seus rostos, somente de seu ventre. Há, inclusive, uma associação da via da reprodução biológica e animalidade, como se apenas o ato da educação fosse sinônimo do humano. Isso se vê pelas passagens em que não raro a gestação e o nascimento da criança são comparados com o nascimento de plantas e de bichos.

Como elucidam os seguintes trechos:

Eu já vi muitas mulheres com a barriga bem grande. Os bebês ficam ali protegidos até nascer igualzinho os filhotes da girafa, do elefante e da égua. [...] A verdade é que todos os bebês têm uma mãe de barriga, até os bebês de coração, afinal eles também precisam de um lugar seguro como uma semente da terra. (Pinho 2021, 15).

Outro traço recorrente nos livros analisados é a referência aos genitores como aqueles que não podem ou não são capazes de maternar, paternar, cuidar das crianças, como "Eu nasci na barriga da minha mãe biológica e ela não podia cuidar de mim" (Eiterer 2011, 14), em *O menino que não nasceu da barriga da sua mãe*; e "Para conhecerem seus filhos os pais precisam atravessar uma ponte mágica que liga o bebê até a família. Às vezes mães e papais de barriga não conseguem atravessar essa ponte e um caminho longo, cheio de desafios, mas o bebê está lá à espera de uma família e alguém precisa chegar até eles" (Pinho 2021, 19) em *A menina que nasceu do coração*. Nota-se que há nessa literatura uma tinta forte em relação à suposta incapacidade de cuidar e um silenciamento sobre as razões do porquê a criança foi posta para adoção. Importa considerar que alguns desses livros tecem narrativas que reiteram, de maneira indireta, a ideia de que os pais de nascimento, em sua maioria pobres, são incapazes de cuidar. Sendo assim, podem produzir a ideia de que compete aos pais

por adoção "salvar" as crianças geradas por pais pobres, expostos às situações de vulnerabilidade e/ou usuários de substâncias psicoativas, fornecendo-lhes um lar por meio desse novo arranjo parental.

Considerações finais

Para romper estereótipos que circundam as visões sobre a adoção e as representações acerca dos pais biológicos, são fundamentais as pesquisas etnográficas capazes de mostrar os sentidos e significados múltiplos do "fazer família". É importante considerar não só os enredos que ressaltam os elos do "coração" ou da convivência ou dos cuidados dispensados às crianças adotivas, mas também os que narram as memórias tecidas por meio das relações entre as crianças e seus genitores.⁷

Estes livros são frequentemente compartilhados entre adultos e crianças para biografar a parentalidade adotiva. Porém, as identidades da mãe/pai biológicos permanecem veladas ou apenas parcialmente reveladas nesse gesto de contar. Isso coincide com o que diz Fonseca (2010, 10) sobre a "omissão ou oposição dos pais adotivos e a relutância das autoridades em fornecer qualquer informação sobre as famílias biológicas". A maneira como o "encontro de almas" é contada visa legitimar a família receptora, positivando a adoção e representando-a como um gesto salvador, redentor das vidas dessas crianças.

Aqui, mencionamos como muitas vezes os enquadramentos positivados nas cenas são pedagogicamente direcionados aos pais por via da adoção. As etnografias de Rinaldi (2010, 2014, 2017) mostram que mulheres, majoritariamente negras e pobres, tiveram a guarda de seus filhos retirada pelo estado, de forma arbitrária, em função de avaliações morais sobre suas trajetórias de vida, a despeito de seu senso de zelo, cuidado e família em relação a eles.

Como aponta Fonseca (2009), a maior parte das leis brasileiras sobre adoção foi criada sob influ-

⁷ Mencionamos aqui o movimento das Adotivas e suas lutas políticas em busca dos direitos a origens.

ência dos pais adotivos. A autora argumenta que, embora a democracia liberal tenha evoluído e diversos movimentos populares tenham surgido, as famílias biológicas ainda não se consolidaram como agentes políticos ativos. Em muitos casos, sua participação se limita a serem beneficiárias passivas de ONGs e serviços de assistência social, que, nos últimos anos, têm se dedicado mais à dinâmica familiar. A centralização dos vínculos afetivos por adoção e as crenças salvacionistas da adoção, como a alternativa possível de crianças, em situação de acolhimento junto ao silenciamento e apagamento dos genitores podem nublar as ações do Estado quanto às condições de famílias biológicas terem direito à parentalidade.

Apesar das ponderações antes ressaltadas, em termos da análise sobre livros infantis e considerando o recorte temporal, essa literatura para crianças vem, cada vez mais, representando a diversidade de formas de viver, ser e constituir famílias. Esse avanço é fruto da luta por igualdade e representatividade empreendida por diferentes movimentos sociais. No que tange à pesquisa realizada, nota-se nos livros trabalhados um deslocamento na concepção de família e parentesco, com ênfase nos laços afetivos em detrimento dos biológicos. Porém, apesar desse importante avanço, se observa um reforço às normas hegemônicas de gênero e ao modelo de família conjugal moderna, assim como um apagamento das marcações de classe e de raça das famílias de origem, em sua maioria negras e pobres. Por fim, lamentavelmente, há também um apagamento das narrativas das próprias crianças adotadas, evidenciando um adultocentrismo persistente

Ademais, alguns desses livros, por meio da narrativa que visa positivar as famílias produzidas através dos elos afetivos, podem simplificar realidades complexas, negligenciar as diversas experiências das crianças adotivas e perpetuar estereótipos sociais e raciais. Para produzir uma literatura e formas de pensar as parentalidades mais inclusivas e representativas, é crucial reconhecer a diversidade de configurações familiares

e trajetórias de adoção, bem como compreender como as crianças adotivas interpelam, sentem e vivenciam essas obras e processos. Só assim será possível construir narrativas que de fato reflitam a riqueza e a complexidade da experiência adotiva.

Referências

Ahmed, Sara. 2010. *The promise of happiness*. Duke University Press.

Cademartori, Ligia. 2009. *O professor e a literatura para pequenos, médios e grandes*. Autêntica.

Candido, Antônio. 2011. O direito à literatura. In *Vários escritos*, organizado por Antônio Candido. 5. ed. Ouro sobre Azul.

Carneiro, Sueli. 2015. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. Selo Negro.

Carsten, Janet. 2014. A matéria do parentesco. *R@U – Revista de Antropologia da UFSCar* 6 (2): 103-18. <https://doi.org/10.52426/rau.v6i2.125>.

Carsten, Janet. 2007. Constitutive knowledge: tracing trajectories of information in new contexts of relatedness. *Project Muse, Scholarly Journals* 80 (2): 403-26. <https://doi.org/10.1353/anq.2007.0020>.

Cuthbert, Denise, Katy Murphy, e Marian Quartly. 2009. Adoption and feminism: towards framing a feminist response to contemporary developments in adoption. *Australian Feminist Studies* 24 (62): 395-419. <https://doi.org/10.1080/08164640903289302>.

Dantas, Ana. 2014. *A adoção de Júlia*. Editora do Brasil.

Deszcz-Tryhubczak, J., e Macarena García-González. 2023. Thinking and doing with childism in children's literature studies. *Children and Society* 37 (4): 1037-51. <https://doi.org/10.1111/chso.12619>.

Dias, Lucimar Rosa. 2019. *Azizi: o presente precioso*. Escarlata.

Eiterer, Carmem Lúcia. 2011. *O menino que não nasceu da barriga da mãe*. RHJ.

Emediato, Fernanda. 2020. *A menina sem cor*. Aletria.

Fonseca, Claudia. 2009. Abandono, adoção e anonimato: questões de moralidade materna suscitadas pelas propostas legais de "parto anônimo". *Sexualidade, Salud y Sociedad* (1): 30-62.

Fonseca, Claudia. 2010. Direito às origens: segredo e desigualdade no controle de informações sobre a identidade pessoal. *Revista de Antropologia* 53 (2): 493-526. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2010.36434>.

Fonseca, Claudia. 2019. (Re)descobrimo a adoção no Brasil trinta anos depois do Estatuto da Criança e do Adolescente. *Runa*, 40 (2): 17-38. <https://doi.org/10.34096/runa.v40i2.7110>

García-González, Macarena. 2020. Dealing with the "otherness" of your own children. Spanish children's books about transnational adoption. In *Family stories and children's literature: parentage, transmission or reinvention?*, organizado por Rose-May Pham Dinh e Virginie Douglas. Peter Lang.

Gomes, Nilma L. 2002. *Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte*. Tese em Antropologia Social, Universidade de São Paulo (USP).

Gomes, Nilma L. 2008. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Autêntica.

González, Lélia. 1983. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*, organizado por Luiz Antonio Machado da Silva. Anpocs.

hooks, bell. 2019. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Perspectiva.

Lajolo, Marisa. 2001. *Do real ao maravilhoso: o que é literatura infantil*. Editora Moderna.

Leitão, Miriam. 2015. *Flávia e o bolo de chocolate*. Rocco Pequenos Leitores.

Mignot-Lefebvre, Yvonne. 1987. Transferts des technologies de communication et développement. *Tiers monde*, 28 (111): 485-749. <https://doi.org/10.3406/tiers.1987.4501>.

Miller, Daniel. 2013. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Companhia das Letras.

Parr, Todd. 2009. *Somos um do outro: um livro sobre adoção e família*. Panda Books.

Pinho, Juliana de P. 2021. *A criança que nasceu do coração*. Cousa.

Ponte, Vanessa Paula. 2023. *Infâncias entre cortes e espelhos: beleza, consumo e subjetivação numa etnografia com crianças*. Tese em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Rinaldi, Alessandra de A. 2010. A "nova cultura da adoção": o papel pedagógico dos Grupos de Apoio à Adoção no município do Rio de Janeiro. *Jurispoiesis* 13: 13-37.

Rinaldi, Alessandra de A. 2014. Da homossexualidade à 'homoafetividade': trajetórias adotivas no Rio de Janeiro. *Interseções: revista de Estudos Interdisciplinares* 16 (2): 283-306. <https://doi.org/10.12957/irei.2014.16591>.

Rinaldi, Alessandra de A. 2017. Adoção unilateral: função parental e afetividade em questão. *Acervo: revista do Arquivo Nacional* 30 (1): 223-39.

Rinaldi, Alessandra de A. 2019. Adoção: políticas para a infância e juventude no Brasil? *Sexualidad, Salud y Sociedad* 33: 273-94. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.13.a>.

Rinaldi, Alessandra de A. 2021. L'idéal et le réel: la parentalité adoptive et les expériences d'adoptants à Rio de Janeiro. In *Des imaginaires aux réalités conjugales et familiales: perspectives interdisciplinaires et Internationales*, organizado por Laurence Charton e Chantal Bayard. Presses de L'Université du Québec.

Rinaldi, Alessandra de A; Giulia Escuri, André Luiz C. Vicente, e Juliana N. da Rocha. 2023. O fazer da "entrega voluntária": moralidades, acusações e biopolítica sobre corpos que gestam. *Antropolítica*, 55 (2): 137-60. <https://doi.org/10.22409/antropolitica.i.a56464>.

Rinaldi, Alessandra de A., Juliana B. de Souza, e Thainá R. de Freitas. 2022. Diálogo entre os saberes antropológicos e jurídicos. In *Curso de Sociologia Jurídica*, organizado por Lier P. Ferreira, Ricardo Guanabara e Vladimir L. Jorge. Freitas Bastos.

Tavares, Cristiane e Chris Mazzota. 2019. *Aos olhos do mar*. Escarlate.

Trancredi, Mariana. 2018. *Lui e Mila: era uma vez duas irmãs unidas pelo amor*. Cia. das Letrinhas.

Yamashita, Tereza, e Luiz Bras. 2020. *Ganhei uma menina*. FTD.

Zilberman, Regina. 2016. Leituras para a infância no século 21 brasileiro. *FronteiraZ: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária* (17): 22-42.

Vanessa Paula Ponte

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil; mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza, CE, Brasil; pós-doutorado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica, RJ, Brasil. Pós-doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil.

Alessandra de Andrade Rinaldi

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ, Brasil. Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica, RJ, Brasil.

André Luiz Coutinho Vicente

Mestre e doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação da autora antes da publicação.